

CAPÍTULO 3

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DE SI E DA DOCÊNCIA EM NARRATIVAS DE VIDA DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO RURAL: UM ESTUDO SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.542122503063>

Data de submissão: 24/06/2025

Data de aceite: 27/06/2025

Jhonnys Ferreira do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Mestrando em Letras pelo PPGL/UERN
Pau dos Ferros – Rio Grande do Norte
<http://lattes.cnpq.br/8925316275129244>

Maria Eliete de Queiroz

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Doutora em Estudos da Linguagem
PPgEL/UFRN
Pau dos Ferros – Rio Grande do Norte
<http://lattes.cnpq.br/3521788341452076>

RESUMO: Este artigo propõe uma análise das representações discursivas construídas por professoras aposentadas da educação rural sobre si mesmas e sobre a profissão docente, a partir de suas histórias de vida. Fundamenta-se na Análise Textual dos Discursos (ATD) de Jean-Michel Adam (2011, 2022) e na Lógica Natural e Teoria da Argumentação de Jean-Blaise Grize (1982, 1990), que concebem as representações não como espelhos da realidade, mas como construções ativas e intencionais, orientadas para a persuasão ou convencimento. O estudo investiga

como as experiências de vida dessas educadoras, frequentemente marcadas pela precariedade e pela resiliência, são esquematizadas discursivamente para veicular um ponto de vista e uma intencionalidade argumentativa sobre a docência rural. A metodologia, de natureza básica e teórica, emprega a análise qualitativa de uma narrativa de vida de uma professora rural (Professora Carolina, pseudônimo), utilizando as categorias semânticas da ATD: referênciação, predicação, modificadores e localizadores espaciais e temporais. A pesquisa busca identificar como esses elementos linguísticos e discursivos articulam a representação de si como sujeito resiliente e a representação da docência como uma atividade que exige compromisso e superação, apesar das contradições político-sociais. Os resultados da análise da narrativa da Professora Carolina evidenciam uma construção discursiva da identidade de si como resiliente, forjada nas condições histórico-sociais do Alto Oeste Potiguar, com forte dependência do trabalho agrícola e acesso limitado à educação formal. A representação da profissão docente, por sua vez, emerge como precarizada, exemplificada pelo descaso político-partidário e pela ausência

de pagamento a professores. Contudo, ressalta-se um forte compromisso profissional e resiliência da docente, que superou as expectativas da época e se tornou um vetor de transformação social na comunidade. A análise também revela a docência como reflexo das relações de gênero, dada a predominância feminina na educação rural.

Conclui-se que a articulação entre a ATD de Adam e a Lógica Natural de Grize é profícua para desvelar a complexidade das representações discursivas em narrativas de vida, revelando não apenas a arquitetura textual, mas também a intencionalidade argumentativa e os valores subjacentes. O estudo contribui para a Linguística Textual e a Análise do Discurso, ao valorizar as vozes e experiências de professoras rurais, muitas vezes invisibilizadas na história da educação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Textual dos Discursos. Nível Semântico. Representações Discursivas. Esquematização. Docência Rural.

DISCURSIVE REPRESENTATIONS OF SELF AND TEACHING IN LIFE NARRATIVES OF RURAL EDUCATORS: A SEMANTICO-ARGUMENTATIVE STUDY

ABSTRACT: This article proposes an analysis of the discursive representations constructed by retired rural education teachers about themselves and the teaching profession, based on their life narratives. It is grounded in Jean-Michel Adam's Textual Discourse Analysis (TDA) (2011, 2022) and Jean-Blaise Grize's Natural Logic and Theory of Argumentation (1982, 1990), which conceive representations not as mere reflections of reality, but as active and intentional constructions aimed at persuasion or conviction. The study investigates how these educators' life experiences—often marked by precarity and resilience—are discursively schematized to convey a point of view and argumentative intentionality regarding rural teaching. The methodology, theoretical and basic in nature, employs qualitative analysis of the life narrative of a rural teacher (referred to as Professor Carolina, a pseudonym), using the semantic categories of TDA: referentiation, predication, modifiers, and spatial and temporal locators. The research aims to identify how these linguistic and discursive elements articulate the representation of the self as a resilient subject and the representation of teaching as an activity that demands commitment and perseverance, despite socio-political contradictions. The analysis of Professor Carolina's narrative reveals a discursive construction of self-identity grounded in resilience, forged in the sociohistorical conditions of the Alto Oeste Potiguar region, characterized by heavy reliance on agricultural labor and limited access to formal education. The representation of the teaching profession, in turn, emerges as precarious, illustrated by political neglect and the lack of remuneration for educators. Nonetheless, the narrative highlights a strong professional commitment and resilience, with the teacher having exceeded the expectations of her time and becoming an agent of social transformation in her community. The analysis also underscores teaching as a reflection of gender relations, given the predominance of women in rural education. It is concluded that the articulation between Adam's TDA and Grize's Natural Logic proves fruitful for unveiling the complexity of discursive representations in life narratives, revealing not only textual architecture but also argumentative intentionality and underlying values. The study contributes to the field of Textual Linguistics and Discourse Analysis by valuing the voices and experiences of rural teachers, often rendered invisible in the history of Brazilian education.

KEYWORDS: Textual Discourse Analysis; Semantic Level; Discursive Representations; Schematization; Rural Teaching.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Linguística Textual (LT), desde sua consolidação na década de 1960, tem como desafio central a construção de um conceito de texto que abarque a complexidade dos fenômenos co(n)textuais. Isso implica considerar tanto as intrínsecas relações estruturais quanto as dimensões extralingüísticas que permeiam a produção e a recepção dos enunciados (KOCH, 2018). Nesse cenário, a contribuição de Jean-Michel Adam (2011) se destaca como fundamental para o aprofundamento das reflexões sobre o texto e suas interconexões com a Teoria da Enunciação, a Teoria da Argumentação, a Linguística Textual e a Análise do Discurso. Sua perspectiva tem influenciado amplamente pesquisadores em todo o mundo, com destaque para a teoria dos tipos e protótipos textuais, largamente utilizada no meio acadêmico e escolar (ADAM, 2019).

Para além das tipologias, Adam (2011, p. 23) propõe a Análise Textual dos Discursos (ATD), uma abordagem que visa integrar a análise do texto e do discurso. Para o autor, a “[...] linguística textual é [...] uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos”. Com a ATD, Adam eleva a LT a um patamar mais amplo no quadro da Análise do Discurso (AD), posicionando-a como fornecedora de “[...] instrumentos de leitura das produções discursivas humanas” (ADAM, 2011, p. 25). Essa abordagem se diferencia das gramáticas de texto tradicionais e de certas vertentes da análise de discurso francesa, defendendo uma análise de enunciados em suas materialidades concretas e contextos de produção.

A relevância da ATD reside em sua capacidade de, ao considerar o texto em seus aspectos internos e externos, abrir caminho para o desenvolvimento de pesquisas que visem o aprofundamento teórico e metodológico. O próprio Adam, e outros teóricos que o seguem, têm se dedicado a refinar categorias e conceitos da ATD. Dentre as categorias aprofundadas por diversos autores (RODRIGUES, PASSEGGI e SILVA NETO, 2010; RAMOS, 2011; QUEIROZ, 2013; DIAS, 2013; PAULA, 2021), destacam-se a responsabilidade enunciativa, a estruturação sequencial-composicional, o plano de texto (textura) e, crucialmente para este artigo, as representações discursivas.

É a partir da proposição enunciada como unidade mínima de análise que Adam (2011) observa a construção de representações discursivas (Rd) do locutor, do alocutário, do outro ou dos temas abordados. No entanto, este estudo argumenta que a compreensão plena dessas representações exige uma ampliação da perspectiva adamiana com os pressupostos da Lógica Natural e da Teoria da Argumentação de Jean-Blaise Grize (1982; 1990). O próprio Adam (2020) reconhece e emprega a noção de esquematização de Grize como um processo fundamental na construção e na intencionalidade argumentativa das

representações discursivas¹. Para Adam, assim como para Grize, as representações não são meros espelhos da realidade, mas construções ativas e orientadas que buscam apresentar um objeto de discurso com uma finalidade persuasiva ou de convencimento.

Nesse contexto, este artigo se propõe a analisar representações discursivas que professoras aposentadas da educação rural constroem sobre si mesmas e sobre a profissão docente, manifestas em suas histórias de vida. Para tanto, busca-se identificar e interpretar, por meio das categorias semânticas da referência, predicação, modificadores e localizadores espaciais e temporais, como essas representações são esquematizadas e quais as suas intencionalidades argumentativas na construção de sentido sobre a experiência docente no contexto rural.

A relevância deste estudo reside na escassa produção acadêmica que conjuga a Análise Textual dos Discursos de Jean-Michel Adam com a Lógica Natural de Jean-Blaise Grize para investigar histórias de vida de docentes rurais. Ao integrar essas abordagens, espera-se não apenas aprofundar a compreensão sobre os processos de construção da identidade profissional e pessoal, através das Rds, mas também demonstrar a fertilidade dessa articulação teórica para a análise das narrativas. Assim, este artigo contribui para o campo da Linguística Textual e da Análise do Discurso, ao oferecer um olhar qualificado sobre a complexidade das vozes e experiências de educadoras que, em muitos casos, permanecem invisibilizadas.

A história da educação brasileira, particularmente no ambiente rural, tem sido marcada por narrativas majoritariamente construídas a partir de perspectivas urbanas e hegemônicas. Por muito tempo, as experiências, desafios e contribuições dos sujeitos do campo permaneceram marginalizados nos registros históricos e nas pesquisas acadêmicas. Dar voz a esses indivíduos não é apenas um imperativo ético, mas uma necessidade epistemológica e social. No contexto específico da educação rural, as professoras emergem como figuras centrais. Historicamente, elas foram as articuladoras de saberes, as mediadoras entre diferentes mundos e as construtoras de laços comunitários em realidades muitas vezes marcadas pela escassez de recursos e pelo distanciamento dos centros de poder. Suas histórias de vida, repletas de resistência, dedicação e criatividade, configuram um repertório riquíssimo de conhecimentos sobre a práxis docente e a organização da vida no campo. Analisar as representações discursivas que essas professoras constroem sobre si e sobre a profissão não só resgata suas trajetórias, mas também ilumina as complexas relações entre identidade, trabalho e contexto social, permitindo uma compreensão mais profunda e justa da educação brasileira em sua diversidade.

1. Um texto de Adam que aborda sua visão de Grize pode ser encontrado no site da Sorbonne: <https://books.openedition.org/psn/763>

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo, desdobramento de uma pesquisa de mestrado em andamento, caracteriza-se como uma investigação de natureza básica e teórica, alinhada aos pressupostos da Análise Textual dos Discursos (ATD) de Jean-Michel Adam. Fundamentado em referências como Paiva (2019) para o delineamento geral da pesquisa, Flick (2009) para a abordagem qualitativa e Yin (2016) para o estudo de caso, nosso objetivo principal é aprofundar a compreensão da ATD, explorando sua capacidade de gerar *insights* sobre a construção de representações discursivas e, potencialmente, contribuir para o refinamento de seus conceitos operacionais. O *corpus* de análise consiste em uma entrevista com uma professora da zona rural, considerada uma fonte primária de dados. A escolha por essa narrativa de vida insere-se no paradigma da pesquisa qualitativa, que valoriza a profundidade e a riqueza dos discursos dos sujeitos. Adotamos um procedimento dedutivo na análise, buscando identificar e interpretar categorias semânticas que emergem da própria materialidade textual das narrativas.

Conforme Rodrigues, Silva Neto e Passeggi (2010, p. 173), “todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos que são tratados”. Neste estudo, o foco recai sobre a construção das representações discursivas que a professora participante elabora acerca de si mesma e do objeto de discurso “profissão docente”. A pesquisa de mestrado citada anteriormente aprofunda as categorias teóricas e analíticas de um estudo monográfico anterior de Nascimento (2022)², que compilou quatro narrativas de vida de professoras aposentadas da educação rural do município de São Miguel. Para este artigo, utilizamos um recorte específico da narrativa da Professora Carolina (pseudônimo), cuja trajetória profissional se iniciou na educação rural em 1980, aos 17 anos, e se estendeu por 34 anos até sua aposentadoria em 2014, no Sítio Cidade, em São Miguel/RN. A monografia completa, contendo as narrativas de vida, está disponível no domínio público da UERN.

A análise do *corpus* será guiada pelas categorias semânticas da ATD, fundamentais para a construção de representações discursivas, articuladas com a dimensão da esquematização de Grize. As categorias empregadas são: (i) Referenciação: Mecanismo pelo qual o sujeito discursivo elege e constrói seus objetos de discurso, atribuindo-lhes um estatuto de existência e singularidade na interação textual; (ii) Predicação: Processo pelo qual propriedades, características, estados ou ações são atribuídos aos objetos de discurso previamente referenciados, estabelecendo relações de sentido e qualificação; (iii) Modificadores (da referenciação e da predicação): Elementos linguísticos que acrescentam nuances, restringem ou expandem o sentido dos referentes e dos predicados, atuando como operadores de intensificação, atenuação ou especificação na construção das representações; (iv) Localizadores espaciais: Unidades que situam os eventos e os

2. Endereço eletrônico do site: <https://portal.uern.br/paudosferros/dle/lingua-inglesa-monografias/>

objetos de discurso no espaço, conferindo concretude e contextualização às narrativas; (v) Localizadores temporais: Unidades que organizam a temporalidade dos eventos e a progressão da narrativa, contribuindo para a construção cronológica ou anacrônica das representações.

PERCURSO TEÓRICO

Nesta seção, aprofundaremos a discussão teórica que alicerça esta pesquisa, guiados pelos pressupostos de Jean-Michel Adam (2011, 2022) e Jean-Blaise Grize (1976, 1996, 1997, 1998). De Adam, abordaremos os conceitos estruturantes da Análise Textual dos Discursos (ATD), como o de texto, proposição enunciada e, fundamentalmente, representação discursiva. Este último conceito será examinado no contexto do quadro teórico adamiano, que ilustra as intrínsecas intersecções entre Linguística Textual e Análise do Discurso. Em paralelo, a perspectiva de Grize nos guiará pela Lógica Natural, pela noção de esquematização e pelos conceitos centrais de sua Teoria da Argumentação, os quais nos permitem compreender a construção e a finalidade das representações. Nosso objetivo primordial será, portanto, não apenas apresentar esses marcos teóricos individualmente, mas sobretudo indicar e explorar as relações complementares entre a concepção de representação discursiva em Adam e o conceito de representação (resultante da esquematização) em Grize, demonstrando como essa articulação oferece uma compreensão mais rica e matizada do fenômeno discursivo.

Para a compreensão da Análise Textual dos Discursos (ATD), torna-se essencial a abordagem de Jean-Michel Adam (2011, 2022), que define a Linguística Textual (LT) como “[...] uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos” (ADAM, 2011, p. 23). Essa perspectiva insere a LT em um quadro mais amplo da Análise do Discurso (AD), reconhecendo a indissociabilidade entre texto, gênero e discurso como pilares da ATD. Conforme a reflexão de Queiroz (2013), a ATD constitui um campo de conhecimento de natureza teórica, metodológica, descritiva e interpretativista. Ela se propõe a reelaborar e complementar categorias de análise para texto e discurso, enfatizando que essas dimensões são interdependentes e se condicionam mutuamente. Desse modo, a ATD não apenas delineia novos parâmetros teóricos para a LT e a AD, mas também oferece categorias metodológicas inovadoras para a análise de enunciados concretos, caracterizadas por seu caráter descritivo e interpretativo.

Adam (2011, p. 63) concebe o papel da LT no campo das práticas discursivas como o de “[...] teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto”. Para o autor, a definição de texto transcende a mera sequência de frases gramaticalmente corretas. Em sua obra *A noção de texto* (2022), o autor propõe uma concepção complexa e multifacetada, que o afasta tanto de uma visão puramente linguística quanto de uma redução a um simples produto de

enunciação. Para Adam, o texto é um objeto heterogêneo, um constructo que se articula em múltiplos níveis e dimensões, refletindo as intrínsecas interações entre o sistema da língua, a atividade discursiva dos sujeitos e o contexto sociocognitivo em que se insere. Assim, o texto não é visto como uma entidade monolítica, mas como um espaço de confluência de diversas operações linguageiras e cognitivas, constituindo o objeto privilegiado de sua Análise Textual dos Discursos (ATD).

Adam (2022) enfatiza que o texto se manifesta como uma estrutura hierárquica e composicional, organizada em diferentes níveis que vão desde o nível mais fundamental da proposição enunciada até o da sequência textual e do tipo de texto. Essa organização implica que o sentido de um texto não emerge de forma linear, mas sim da interconexão entre suas partes e da forma como essas partes se integram em um todo coerente e coeso. O autor concebe o texto como o resultado de uma atividade de linguagem, um processo dinâmico e intencional de produção de sentido que envolve escolhas lexicais, sintáticas, semânticas e pragmáticas por parte do enunciador. Mais do que uma mera manifestação da língua, o texto é, para Adam, a materialização de uma ação discursiva orientada para um fim, que busca construir representações e agir sobre o interlocutor.

Ainda em *A noção de texto* (2022), Adam sublinha a importância do contexto para a compreensão do texto. Ele argumenta que o texto é inherentemente co(n)textual, ou seja, seu sentido é indissociável das condições de sua produção, circulação e recepção. Isso envolve não apenas o contexto imediato da enunciação, mas também o contexto social, cultural e ideológico mais amplo. Ao integrar a dimensão co(n)textual em sua definição, Adam aproxima a Linguística Textual da Análise do Discurso, reconhecendo que o texto é um lugar onde as relações de poder, as ideologias e as representações sociais se manifestam e se constroem. Consequentemente, para Adam, analisar o texto é desvendar não apenas sua arquitetura interna, mas também as complexas teias de sentido que o conectam ao universo dos discursos e à prática social. O tratamento discursivo conferido ao texto por Adam reflete uma reformulação das bases teóricas que desvincula a LT das gramáticas de texto tradicionais e a emancipa dos pressupostos de certas vertentes da Análise do Discurso francesa. Nesse percurso, a referência de Adam para a AD é o trabalho de Maingueneau (1991a, 1995 apud ADAM, 2011, p. 43).

Para ilustrar as intersecções entre LT e AD na perspectiva adamiana, apresenta-se o esquema a seguir:

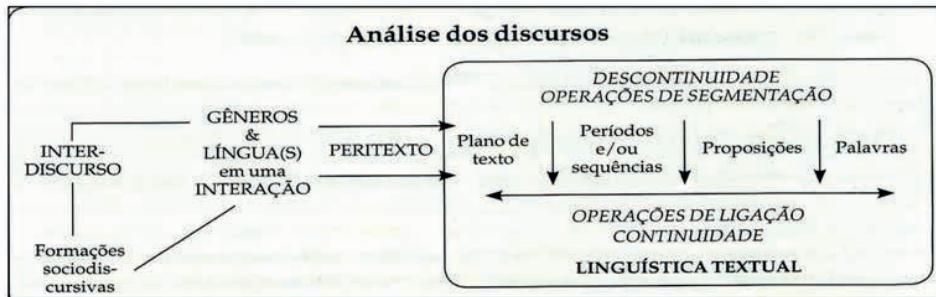


Figura 01: Determinações Textuais “Ascendentes” e Regulações “Descendentes”

Conforme se depreende do esquema, a LT se posiciona como um subdomínio da AD. As determinações textuais ascendentes, representadas da direita para a esquerda, partem de unidades linguísticas menores, como as palavras, progredindo até o plano de texto, refletindo um movimento do menor para o maior grau de complexidade na construção textual. Em contrapartida, as regulações descendentes, da esquerda para a direita, englobam as situações de interação nos lugares sociais, nas línguas e nos gêneros de cada enunciado, culminando na construção das práticas discursivas. Nesse sentido, Queiroz (2013, p. 25) complementa que os elementos “[...] que se encarregam de situar o texto no contexto das formações discursivas, ou seja, o que é dito pelo enunciador no seu contexto aparece sob a forma de um gênero [...]”.

Ainda no arcabouço da ATD, a interligação entre texto, gênero e discurso se materializa nos distintos níveis de análise, conforme ilustra a Figura 02:

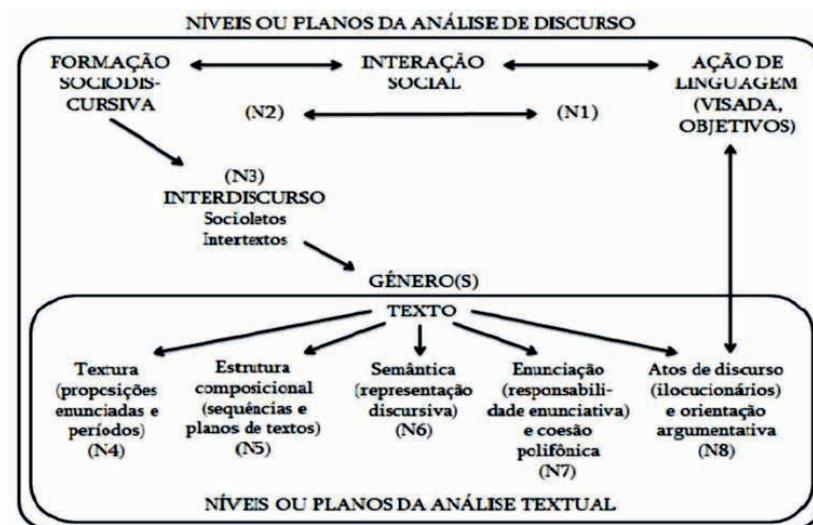


Figura 02: Níveis/Planos do Texto e do Discurso

A leitura do Esquema 4 revela que o Nível 1 (N1) do discurso abarca o sujeito em sua ação de linguagem, orientando o texto argumentativamente com uma intenção comunicativa específica, dentro de um processo de interação. Este processo é determinado pelo contexto de comunicação (N2) e pelas formações discursivas (N3) que, segundo Queiroz (2013, p. 36), “[...] vão especificar o que vai ser dito por esse sujeito na sua ação de linguagem e de que maneira o texto deve ser construído e corporificado em um gênero textual”. A sequencialidade textual se manifesta nos Níveis 4 e 5 do texto, onde as proposições enunciadas, os períodos, as sequências e os planos de texto remetem à textura e à sua composição. Dentre os oito níveis propostos, destacam-se, para esse artigo, os níveis semântico-discursivos (N6), de coerência pragmática (N7) e de coerência cognitiva (N8), essenciais para o estudo das representações discursivas e dos processos argumentativos.

O Nível 6 (semântico-discursivo) está centrado na articulação entre referênciação, predicação e localização (temporais e espaciais). É nesse nível que se constituem os objetos de discurso e que se produzem sentidos por meio de anáforas, correferências, isotopias, colocações e estruturas tópicas. As representações discursivas são construídas a partir de escolhas lexicais, modos de designação e de predicação que orientam a forma como os sujeitos organizam o mundo no texto. A perspectiva de Adam entende que a linguagem constrói representações do real, sendo essas representações sempre marcadas por um ponto de vista. O Nível 7 (de coerência pragmática) articula os atos de linguagem, os contratos de comunicação e os papéis enunciativos dos interlocutores. É nesse nível que se situam os modos de organização do discurso, os gêneros discursivos e a organização dos atos ilocutórios. Trata-se de um nível em que se avaliam as condições de produção e recepção do texto, observando-se as intenções comunicativas e a relevância pragmática das escolhas discursivas.

O Nível 8 (de coerência cognitiva) envolve as representações mentais compartilhadas pelos interlocutores, os esquemas cognitivos que possibilitam a compreensão do texto, e as inferências mobilizadas na interação textual. As representações discursivas aqui se entrelaçam com os modelos mentais dos sujeitos, sendo atravessadas por saberes partilhados, crenças, valores e experiências sociais. Adam concebe o texto como um objeto dinâmico e polifônico, cuja coerência não se limita à lógica formal, mas é construída por meio de procedimentos linguísticos, discursivos e interacionais. As representações discursivas, portanto, não espelham o real, mas são montadas por meio de operações linguísticas e cognitivas que selecionam, organizam e estruturam sentidos dentro de um universo discursivo situado.

Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 152) sintetizam esses níveis de análise da seguinte forma: a) um nível sequencial-composicional, onde a proposição enunciada se organiza em períodos, sequências e, por fim, planos de texto; b) um nível enunciativo, relacionado à responsabilidade enunciativa e às diversas vozes que emergem do texto; c) um nível semântico, alicerçado na noção de representação discursiva; e d) um nível argumentativo, que comprehende os atos de discurso que orientam a finalidade textual.

Considerando que os gêneros textuais constituem a ponte entre o discurso e o texto, é imperativo discuti-los. Citado pelo próprio Adam (2017), Marcuschi (2008, p. 155) oferece uma definição elucidativa: os gêneros “[...] referem os textos materializados em situações comunicativas recorrentes”. De fato, a comunicação verbal ocorre invariavelmente por meio de textos concretizados em algum gênero, pois, como afirma Marcuschi (2008, p. 154), “toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”. Em diversas obras (ADAM, 2017; 2019), Adam retoma os estudos da Textlinguistik alemã, que tradicionalmente distingua os Texttypen (tipos de texto) dos Textsorten (gêneros de textos), acrescentando ainda o conceito literário de Gattung (gêneros literários). Adam (2017; 2019) refuta essa separação clássica, que destina os gêneros literários à poética e os demais gêneros do discurso comum às ciências da comunicação e à análise do discurso, reunindo Gattung e Textsorten sob a denominação comum de gêneros de discurso.

Nesse sentido, Adam (2019, p. 30) endossa a síntese de Luiz Antônio Marcuschi, que “[...] resumiu muito bem a oposição de fundo entre Texttypen e Textsorten”. Para Adam (2017, p. 48), os tipos de texto (Texttypen) são: “1) construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas; 2) não são textos empíricos; 3) predomina a identificação de sequências linguísticas típicas; 4) conjunto limitado de categorias teóricas”. Em contraste, os gêneros textuais (Textsorten) possuem as seguintes características: “1) formas verbais de ação definidas por propriedades sociocomunicativas; 2) textos empíricos; 3) predominam os critérios de ação sociocomunicativa; 4) conjunto aberto de designações concretas” (ADAM, 2017, p. 48).

Para Adam, essas reflexões encerram as distinções essenciais entre o conceito de texto e o de gênero: o primeiro é o objeto de estudo da LT teórica (ligado aos Texttypen), enquanto o segundo se refere ao estudo dos textos empíricos (Textsorten). Realizando um percurso teórico que inclui as contribuições de Vološinov e Bakhtin sobre as esferas de comunicação e a construção dos gêneros do discurso – entendidos como constructos relativamente estáveis do processo de enunciação –, Adam (2017; 2019) evidencia como as questões culturais de uma determinada esfera de comunicação influenciam a estabilidade, ou a sua ausência, de um gênero. Por fim, Charaudeau e Maingueneau (2020), ao citarem a teoria das sequências textuais de Adam, reconhecem a proficuidade e a aceitação contemporânea da distinção entre gênero e tipo/sequência textual. Para Adam (1999, p. 82 apud CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2020, p. 250), a sequência situa-se em um nível intermediário entre a frase e o texto: “As sequências são unidades composticionais um pouco mais complexas do que simples períodos com os quais elas se confundem algumas vezes.” Esse conceito é comumente referido por vários autores como “gêneros-textos”, conforme exposto por Charaudeau e Maingueneau (2020).

O conceito de esquematização, tal como desenvolvido por Jean-Blaise Grize no âmbito da Lógica Natural, designa o processo discursivo e cognitivo pelo qual um sujeito enunciador (locutor) constrói, organiza e apresenta uma representação específica

do mundo a um coenunciador (interlocutor) com o propósito de suscitar sua adesão a essa visão (GRIZE, 1976, 1996, 1997, 1998). Trata-se de uma formatação discursiva de conteúdos, na qual se mobilizam não apenas dados e argumentos explícitos, mas também elementos implícitos, como valores pressupostos, *topoi* (lugares-comuns argumentativos) e a construção de um determinado *ethos* (a imagem que o locutor constrói de si). A esquematização, portanto, revela-se como uma operação central na produção de sentido, evidenciando a natureza intencional e orientada da linguagem.

Jean-Michel Adam (2011) reconhece na esquematização de Grize uma contribuição teórica fundamental para a Análise Textual da Argumentação. Essa perspectiva permite a Adam conceber a construção de sentidos não como uma mera aplicação de regras formais ou lógicas, mas como uma atividade discursiva situada. Nesse processo, o locutor mobiliza estrategicamente recursos linguísticos, culturais e contextuais para delinear e apresentar uma determinada imagem do real. A apropriação do conceito de esquematização por Adam demonstra que as representações discursivas não são neutras; elas são o resultado de operações cognitivo-discursivas que visam a um determinado efeito sobre o interlocutor.

Para Adam (2011), a esquematização exerce uma função estruturante em múltiplos planos da organização textual e argumentativa. Ela atua tanto no nível micro-estrutural dos enunciados e períodos argumentativos quanto no nível macro-estrutural das sequências textuais. A argumentação, sob essa ótica, não se baseia exclusivamente em relações lógico-formais entre proposições, mas organiza-se por meio de movimentos de encadeamento que estruturam e hierarquizam os conteúdos discursivos. Tais movimentos são guiados por estruturas prototípicas (como as sequências narrativas, explicativas, argumentativas, etc.) e por operações discursivas específicas, como a dissociação, a generalização, a exemplificação ou a redefinição, todas elas enquadradas nos mecanismos subjacentes à esquematização.

Grize (1996) insiste que os esquemas resultantes desse processo não são universais nem invariantes; pelo contrário, eles são social e culturalmente situados, refletindo a doxa e os pressupostos partilhados em comunidades de discurso. Isso implica que todo ato argumentativo envolve a construção de uma representação situada, plausível e negociável, e não a aplicação de um modelo lógico abstrato. Em consonância com essa visão, Adam (2011) destaca o caráter heurístico e retórico da esquematização: ela não visa à demonstração irrefutável de uma verdade, mas sim à obtenção da adesão do outro a um ponto de vista, por intermédio da construção compartilhada de uma inteligibilidade e de uma visão de mundo.

Ademais, Adam (2022) observa que o conceito de esquematização é fundamental para articular os níveis micro e macro da organização textual. No nível micro, sua manifestação pode ser observada, por exemplo, na organização de frases periódicas que empregam conectores como *certes*, *mais* ou *donc*, os quais introduzem movimentos de concessão, oposição e conclusão, revelando a micro-orientação argumentativa. No

nível macro, a esquematização se concretiza na organização hierárquica das sequências argumentativas que compõem a arquitetura global do texto, onde se articulam tese, contratese, argumentos, contra-argumentos e conclusão.

Finalmente, Jean-Michel Adam (2011, 2022) vislumbra na Lógica Natural de Grize – e na esquematização como seu conceito central – uma alternativa robusta às abordagens mais formais e abstratas da argumentação. Essa perspectiva oferece um caminho profícuo para integrar o estudo da coesão e coerência textuais com as dimensões pragmáticas, cognitivas e ideológicas do discurso. Tal integração mostra-se particularmente útil para a análise de textos de alta complexidade, como discursos políticos, entrevistas aprofundadas ou, como é o caso desta pesquisa, narrativas de vida, onde as representações de si e do outro são construídas por meio de intricados processos de esquematização.

ANÁLISE DOS DADOS

Neste momento, realizamos a análise do *corpus* da pesquisa, guiados pelas categorias semânticas que constroem a representação de si e o tema “profissão docente”, conforme textualizadas nas narrativas das participantes. Baseamo-nos nos pressupostos teóricos de Adam (2011; 2016; 2022) e Grize (1998, p. 117), conforme mencionado anteriormente. Em particular, adotamos o entendimento de que “Um discurso, de fato, só pode ser compreendido como o desdobramento e o resultado de uma construção de objetos de pensamento por um enunciador A e pela reconstrução desses objetos feita por seu destinatário B”. No contexto desta pesquisa, o enunciador A corresponde às professoras participantes, enquanto o destinatário imediato B é o pesquisador em formação.

Abaixo temos o primeiro bloco com as perguntas e respostas encontradas na narrativa de vida (é o início da entrevista realizada).

M1: Então a senhora começou a ler e escrever...

Carolina: Com ela, com a mulher que veio lá para casa.

M1: A sua infância você morou aqui também.

Carolina: Toda vida eu morei aqui, e meu pai com a dificuldade que ninguém sabia ler ainda, e tentando que nós aprendêssemos a ler, escrever e tudo, porque tinha que escrever carta na época, até se você escrevesse uma carta já estava bom, não precisava mais estudar. Meu pai trouxe ela para casa e ela alfabetizou muita gente aqui (inint) [00:02:02].

M1: Lá na sua casa.

Carolina: Lá na minha casa, ela também foi professora, só que ela não esperou também.

M1: E pagava?

Carolina: Pagava particular. Aí entrou um prefeito e contratou ela por seis meses, o tal do Atevaldo, não sei como é o nome dele, e por pintura não pagou a pobre, seis meses, foi embora e não pagou, mas ela trabalhou, trabalhou como era para trabalhar.

M1: Então você foi alfabetizada na sua casa mesmo, seu pai...

Carolina: Foi na minha casa mesmo.

M1: Você tinha quantos irmãos?

Carolina: 16.

M1: Nossa.

Carolina: Oito homens e oito mulheres.

M1: E eles todos foram alfabetizados assim.

Carolina: Todos foram alfabetizados, teve uns que... assim, por trabalhar na roça, e os pais colocavam muito para trabalhar, e eles iam pouco para a sala estudar, mas as mulheres...

M1: Mesmo em casa?

Carolina: Mesmo em casa. Mas não sei por que eles não aprenderam, tem uns que não aprenderam a ler, mas escrever, sabem fazer o nome deles, conta mais do que tudo, se fosse hoje, para ser professor de matemática eles eram ótimos, muito bom na época, foi difícil, mas a gente conseguiu.

Quadro 01 – Bloco de Texto (Perguntas e Respostas)

As respostas da professora Carolina articulam elementos discursivos que constroem representações específicas de si mesma e da profissão docente em seu contexto histórico e social. A partir da análise do Quadro 01, observam-se representações que remetem à docência como atividade marcada por precariedade, resiliência e compromisso, além de uma autoimagem de mulher engajada na transformação da realidade educacional.

Desde os primeiros enunciados, a narradora constrói a representação de si como resistente e participativa, ao descrever sua alfabetização ocorrida “lá para casa”, promovida por uma professora contratada por seu pai. O uso do localizador espacial “lá para casa” e do referente “pai” situa o episódio em um espaço doméstico, revelando a ausência do Estado e o deslocamento da função educativa para a família. O referente “professora que alfabetizou muita gente” é predicado positivamente, sendo representada como agente transformador, mesmo diante da omissão do poder público, marcada pela referência ao “prefeito Atevaldo”, que “não pagou a pobre”. Essa última expressão articula uma crítica direta ao poder político local, e o modificador “pobre” reforça a imagem de uma professora vulnerável, cuja dedicação não foi reconhecida institucionalmente.

Nessa mesma linha, a predicação “foi difícil, mas a gente conseguiu” revela uma representação de si como sujeito coletivo, em que “a gente” funciona como um referente inclusivo, englobando família, comunidade e a própria narradora. O modificador “difícil” atribui valor negativo às condições enfrentadas, enquanto o operador adversativo “mas” reorienta a interpretação para a superação, reforçando a ideia de resiliência como valor identitário. A predicação “conseguiu” funciona como desfecho argumentativo dessa cadeia discursiva, construindo um enunciado conclusivo em torno da superação.

A profissão docente, por sua vez, é representada em diversas passagens como uma atividade atravessada por contradições: por um lado, marcada pelo descaso político e pelas condições precárias de trabalho; por outro, investida de um compromisso ético, social e afetivo. Quando a narradora afirma que a alfabetizadora “trabalhou como era para trabalhar”, mesmo sem ter sido paga, a elipse do sujeito (“ela”) e a predicação intensificam o valor atribuído à conduta profissional da docente. Essa representação constrói uma imagem da docência como missão ou vocação, não apenas como função remunerada. O valor de uso do trabalho docente se sobressai ao valor de troca, numa lógica de doação ao bem comum.

A conjunção explicativa em “porque tinha que escrever carta na época” introduz um raciocínio lógico-argumentativo, segundo a lógica natural (Grize, 1996), que justifica a necessidade de alfabetização. O localizador temporal “na época” inscreve os eventos em um passado específico, em que escrever cartas bastava como sinal de escolarização. Ao afirmar que, mesmo assim, a alfabetizadora “alfabetizou muita gente”, a professora Carolina constrói a representação da alfabetizadora como agente de um saber que ultrapassava as exigências mínimas, reforçando a imagem da docência como vetor de transformação.

As representações construídas também recorrem a contrastes, como no caso de “os pais colocavam muito para trabalhar e eles iam pouco para a sala estudar”. A conjunção “e”, nesse contexto, estabelece uma relação de causalidade implícita. O modificador “muito” intensifica a ideia de exploração no trabalho infantil, enquanto a predicação “iam pouco para a sala estudar” revela a consequência negativa dessa dinâmica para a escolarização. A conjunção entre trabalho agrícola e pouca escolarização representa uma crítica indireta ao modelo social predominante no meio rural, reforçando a representação da docência como contracorrente a esse sistema.

Além disso, a referência aos irmãos da narradora, que “não aprenderam a ler”, sugere uma representação de gênero: os filhos homens eram priorizados para o trabalho, enquanto as filhas, como Carolina, tiveram mais acesso à escolarização. Essa assimetria sustenta a representação da docência como atividade historicamente feminina, o que é confirmado na própria trajetória da narradora, que se tornou professora da comunidade por três décadas. As operações de referênciação, predicação e modificação contribuem para a construção da representação da professora Carolina como figura de resistência histórica. Seu discurso reconstrói uma memória social coletiva, articulando os valores da solidariedade, do esforço familiar e comunitário, e da crítica às estruturas políticas que negligenciaram o direito à educação.

Assim, o discurso da narradora orienta o interlocutor a construir uma imagem da profissão docente como: i) Ato de resiliência, esforço e sacrifício, diante da precariedade material e do abandono institucional; ii) Missão social e compromisso com a transformação, na medida em que a alfabetização aparece como bem coletivo; iii) Expressão de uma prática feminina historicamente invisibilizada, mas vital para a construção da educação rural.

Com base nas respostas analisadas e nas operações linguístico-discursivas mobilizadas, sintetizam-se, portanto, as seguintes representações discursivas: i) De si mesma: como agente coletiva e resiliente, que enfrentou dificuldades e se tornou educadora a partir de uma vivência marcada pela exclusão e pela luta; ii) Da profissão docente: como prática social precarizada, porém dotada de grande valor simbólico, construída na ausência do Estado e sustentada por compromissos familiares, comunitários e éticos; iii) Do contexto educacional rural: como espaço de desigualdades, sobretudo de gênero, mas também como lugar de resistência e construção de trajetórias transformadoras.

Essas representações, estruturadas pelas categorias semânticas analisadas (referenciação, predicação, modificadores, localizadores), articulam os dados empíricos com a lógica argumentativa do discurso, conforme propõe Jean-Blaise Grize. O sentido não está apenas no que é dito, mas em como é esquematizado, orientado, reforçado e proposto ao interlocutor, compondo uma imagem complexa e valorada do sujeito e de sua profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias de Jean-Michel Adam e Jean-Blaise Grize oferecem, em conjunto, uma base teórica robusta para o estudo da linguagem como forma de construção de sentido e de representação discursiva. Adam, ao propor níveis de análise textual que articulam referenciação, pragmática e cognição, permite compreender como os textos se organizam e produzem sentido em contextos específicos. Grize, ao desenvolver a lógica natural, destaca a dimensão persuasiva e representacional do discurso, sublinhando a importância da esquematização e das operações discursivas na construção de adesão.

Compreender as articulações possíveis entre essas abordagens permite analisar o discurso de forma mais densa e contextualizada, valorizando tanto a estrutura textual quanto os efeitos cognitivos e argumentativos produzidos na interação. Trata-se de um modelo teórico que reconhece a linguagem como prática social, em que os sujeitos constroem versões do mundo e disputam sentidos por meio de representações discursivas estrategicamente organizadas. Essa perspectiva é fundamental para o estudo de discursos identitários, narrativas de vida e processos argumentativos presentes em práticas sociais e culturais diversas.

A análise do trecho da narrativa da professora Coralina evidenciou uma construção discursiva marcada pela representação de si mesma como resiliente e responsável, refletindo as condições histórico-sociais e educacionais do Alto Oeste Potiguar. Essa representação é construída a partir de elementos semânticos e categorias lógico-discursivas, como localizadores espaciais e temporais, predicações e modificadores, que destacam tanto as adversidades enfrentadas quanto a superação dessas dificuldades.

As respostas ressaltaram a precariedade da profissão docente no contexto rural, com ênfase no descaso político-partidário, como a ausência de pagamento à alfabetizadora contratada, e na necessidade de esforços familiares e comunitários para superar a carência de recursos educacionais. Ao mesmo tempo, destaca-se o papel transformador da educação, tanto na vida pessoal da narradora quanto na construção da comunidade, evidenciado pela dedicação e resiliência demonstradas no exercício da docência por 30 anos. Essa trajetória, permeada por desigualdades de gênero, trabalho infantil e falta de apoio governamental, revela a docência como um espaço de resistência e transformação social. A professora constrói, em sua narrativa, uma identidade profissional ancorada no compromisso com a educação e na superação de adversidades, reafirmando a relevância histórica e cultural do papel docente na região analisada.

Ao final deste percurso investigativo, que buscou desvelar as representações discursivas construídas por professoras aposentadas da educação rural em suas histórias de vida, reitera-se a fertilidade da articulação entre a Análise Textual dos Discursos de Jean-Michel Adam e a Lógica Natural de Jean-Blaise Grize. A análise das categorias semânticas – referênciação, predicação, modificadores e localizadores espaciais e temporais – permitiu identificar os processos de esquematização pelos quais essas educadoras forjaram suas identidades e significaram a profissão docente, revelando a complexidade e a intencionalidade inerentes a essas construções.

Mais do que meros relatos de experiências, as narrativas aqui examinadas emergiram como atos discursivos que, por meio de intrincadas operações de sentido, não apenas informam, mas também argumentam, legitimam e ressignificam a trajetória docente rural. As vozes dessas professoras, por sua vez, não apenas enriquecem o campo da linguística textual e da análise do discurso, mas também contribuem para a valorização de um capítulo fundamental e muitas vezes invisibilizado da história da educação brasileira. Que este estudo/artigo, portanto, seja um convite a novas investigações que continuem a dar visibilidade a esses percursos existenciais e a aprofundar a compreensão das complexas tramas entre linguagem, memória e experiência na construção do saber.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. revista e aumentada. São Paulo, 2011.
- ADAM, Jean-Michel. **Textos, tipos e protótipos**. São Paulo: Contexto, 2019.
- ADAM, Jean-Michel. O que é linguística textual. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco; PENHAEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (orgs.). **Linguística textual**: interfaces e delimitações, homagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017.
- AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

ADAM, Jean-Michel. **Une approche textuelle de l'argumentation : « schéma », séquence et phrase périodique.** Disponível em: <https://en.wiktionary.org/wiki/completa>.

CAMPOS, Milton N. Integrando Habermas, Piaget e Grize: contribuições para uma Teoria Construtivista-Crítica da Comunicação. In: **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, vol. 21, n.3, 2014, p. 966-996.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, Anna Christina e LEITTE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

GRIZE, J-B. Quelques operations de la logique naturelle. Linguaggi e formalizzazioni. In: CONVEGNO INTERNAZIONALE DI STUDI, 1976, 17-19 settembre, Catania. **Atti** [...]. Roma, Bulzoni, 1979. p. 191-211.

GRIZE, J-B. Logique naturelle et représentations sociales. **Papers on Social Representations - Textes sur les Représentations Sociales**, v. 2, n. 3, p. 1-9, 1993. Disponível em: http://www.psr.jku.at/PSR1993/2_1993Grize.pdf. Acesso em: 09 maio 2022.

GRIZE, J-B. Argumentation et logique naturelle: convaincre et persuader. **Hermès, La Revue**, v. 1 n. 15, p. 263-269, 1995. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-1995-1-page-263.htm>. Acesso em: 09 maio 2022.

GRIZE, J-B. **Logique naturelle et communications**. Paris: PUF, 1996.

GRIZE, J-B. **Logique et langage**. Paris: Ophrys, 1997.

GRIZE, J-B. Logique naturelle, activité de schématisation et concept de représentation. **Cahiers de praxématique** [En ligne], v. 31, p. 115-125, 1998. Disponível em: <http://praxematique.revues.org/1234>. Acesso em: 09 maio 2022.

GRIZE, J-B. El punto de vista de la lógica natural: demostrar, probar, argumentar. In: DOURY, M.; MOIRAND, S. **La argumentación hoy**: Encuentro entre perspectivas teóricas. Madrid: Montesinos, 2004. p. 43-53.

GRIZE, Jean-Blaise. **L'argumentation**. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual**: trajetórias e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MINAYO, Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

QUEIROZ, Maria Eliete de. **Representações discursivas no discurso político**: “Não me fiz sigla e legenda por acaso”: o discurso de renúncia do senador Antonio Carlos Magalhães (30/05/2001). 2013, 187f. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.